RelevO

fevereiro/2024, n. 07, a. 14
• Periódico literário independente
feito em Curitiba-PR desde set/2010
• ISSN 2525-2704

Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de **Vini Rocha**. Você pode conferir mais do trabalho dele em **instagram.com/vinideoliva**.

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:
R$ 10 Tiago Faria; R$ 20 Substack; R$ 35 Lorenza Ribeirete; Ricardo Rodrigues; R$ 50 Iáscara Guimarães; R$ 70 Roanne Aragão; Leonardo Migdaleski; Jane de Souza; Rafael Souza Rodrigues; Osvaldo Jeronymo Neto; Dina Dominick; Alessandra de Oliveira; Flavio Joppert; Larissa Lima; Vinicius Fernandes Cardoso; Nathan Santos; Rafael de Souza; Camila Passatuto; Bruno Santana; Rafael de Arruda Sobral; Juliane Knopik Digiovani; Priscila Nogueira Branco; Rodrigo Gonçalves; Emanuella Ribeiro; Massanori Takaki; Arribaçã Editora; Cândido Magnus; Ana Sena; Damaris Pedro; Marcella Lopes Guimarães; Rafael Reinehr; Elton dos Santos; Matheus Chequim; Getúlio Xavier; Pedro Araujo; Marcela Parrado; Jaq; Daniel Batista de Siqueira; Maria Diel; Glaucimar Barcelos; Roberto Dutra Jr.; Samuel Martins; Vítor de Lerbo; Maria Antônia Silva Salgado; Paulo Marcelo Filho; Luciana Lain; Naná Gevezier; Corina Lovozan; Letícia Voigt Severiano; Carlos Santana; Vicente Laurentino Ferreira Netto; Anderson Mezzarano Lucarezi; José Augusto Ferreira Swaiger; Marco Antonio Milani; Érica Dias Gomes; Grazi Radio; Nara Vidal; André Miranda; Vinícius Marinheiro; Fredy Augusto Weber Reynoso; Jacy Ribeiro de Castro; Danilo Giroldo; Esmeralda Faiad; Pedro Penido; Helena Luiz; Edmilson Borret; Fábio Cairolli; Sandra Modesto; Bolívar Escobar; Adriana Carneiro; Valentina Gava Chakr; Rodrigo Kmiecik Passos; Otto Winck; Renan Sá; Instituto Carvalho Junior; Inocêncio Norte Velho; Lais Santos Belini; R$ 80 Rômulo Cardoso; R$ 90 Francisco Leandro Costa; R$ 100 Rafael Zaina Gonsalves; Rosana da Silva Cuba; R$ 105 Catarina Lara Rezende; Afonso Felix; Carlos Henrique dos Santos Pinto; Bruna Cristina Martins Freitas; Larissa Martins Leal; R$ 140; Pedro Eilert; Fernando Gimenez; Humanité Clínica de Neuropsicologia; Thélio Queiroz Farias; Gabriel Ferreira; Sonia Prota; Marina Domingues; Rafael Roefero; Estela Basso; Cristine Daneze Wollenberg; Mayron Discens; Sandra Santos; Edmar Guirra; Tony Rodrigues; Marson Guedes; Sandro Dalpícolo; Luiz Gusmão; R$ 150 Zaclis Veiga; R$ 170 Wagner Teixeira; R$ 420 Zeh Gustavo.

TOTAL: R$ 9.205

ANUNCIANTES:

R$ 70 O Alienígena; R$ 200 Editora Penalux; R$ 130 Gato Preto Livros; R$ 70 Flesch Notes; R$ 100 Tony Rodrigues.

TOTAL: R$ 550

(–) CUSTOS FIXOS
Gráfica: R$ 2.280
Escritório: R$ 300
Embalador: R$ 50
Embalagem: R$ 1.000
Editor-executivo: R$ 1.300
Editor-assistente: R$ 400
Mídias sociais: R$ 800
Diagramação: R$ 200
Colaboradores de janeiro: R$ 540

(–) DESPESAS VARIÁVEIS
Transporte: R$ 200
Correios: R$ 2.630

(–) DESPESAS ADMINISTRATIVAS
Domínio mensal: R$ 35

(+) Entradas totais: **R$ 9.755**
(–) Saídas totais: **R$ 10.085**
(=) Resultado operacional: **- R$ 330**

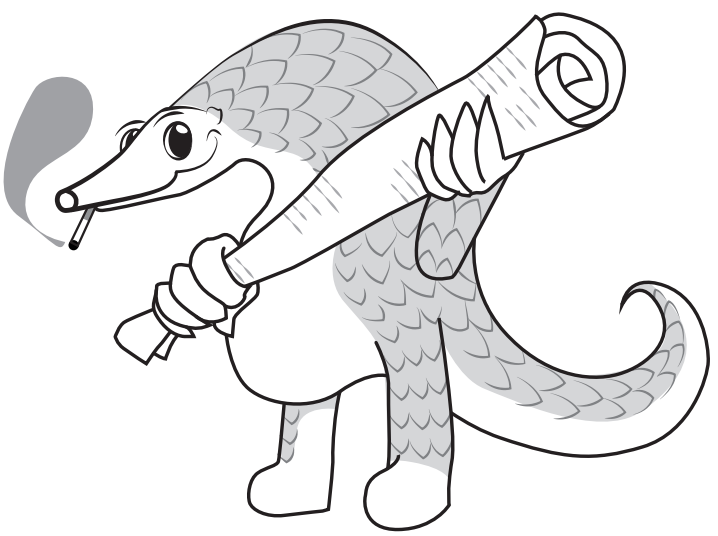
Fevereiro/2024

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Zeh Gustavo
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Rafael Estorilio
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 4.000

Edição finalizada em 29 de janeiro de 2024.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Eduardo Pereira
Fernanda Dante



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

RELEVO DA DEPRESSÃO

Helena Luiz Piadinha topográfica sobre poetas tristes: Escarpa, Cuesta, Chapada, Serra: / Tudo é relevo. / Depressão também. / Planície, tabuleiro, planalto, montanha: / Tudo é relevo. / Depressão também.

DEVOLUTIVAS 2025

Vinícius Silva Olá, Jornal, boa tarde! Li a circular "Vendo pneu, catraca, fumo de arapiraca, pururuca, jararaca, fechadura, faichecler" enquanto voltava do busão do trabalho, e lembrei de um e-mail descartando o material que havia enviado quase um ano atrás. Pois bem, fez bem. Fez bem porque acho que não encaixava mesmo no jornal a vertente "homem branco e calvo e hetero e triste de barriga de chope escrevendo e bebendo cerveja e fumando cigarro e batendo punheta". Porém, teimoso que sou (uma lástima particular), reencaminho novos materiais como uma nova tentativa (agora, espero, mais aguçada) de publicação. Se um ou mais forem aprovados, beberei uma cerveja para comemorar. Se nenhum for, beberei mesmo assim. OBS.: Agradeço a proposta do envio do exemplar, mas já sou assinante e leitor. Está em nome da minha esposa (união instável) e usei o nome dela para prevenir a descoberta de meu nome verdadeiro e a ligação com meu passado criminal intercalado de internações psiquiátricas involuntárias (ai, que sonho) quando morava em Sampa. Por considerar o conteúdo do jornal muito próximo da minha personalidade e de minha inclinação sobre a vida e a humanidade (o cheiro de um pum na praia depois de dois engradados de Skol), fiz questão de assiná-los (na modalidade mais barata, mas tá valendo). Até daqui um ano!

Iáscara Guimarães Assino porque incentiva o leitor a publicar. Que é capaz de sonhar e realizar.

SIM SIM

Grilo Borges Olá! Se puderem dar uma lida nesse conto em anexo, façam o favor? Se for ruim, podem descer a lenha, quero críticas e sugestões, podem até xingar dizendo que é ruim pra caralho, não me importo, o bom é escrever mesmo! Valeu e deem um retorno, senão eu xingo e não vou mais ler esse jornaleco!

TAI-PAN

Feliciano Tavares Monteiro Editores e demais apóstolos da livre e solta imprensa possível, o Jornal deu-me muitas alegrias em 2023 e espero que continuem vivos, motivados e matando os necessários leões a cada dia. Sobre *Tai-Pan*, realmente a língua anglo-saxã tem nos presenteado com grandes aventureiros-escritores. E o engendrador de *TaiPan* não foge da tradição de Lord Byron e de Jack London! Prossigam esculpindo em 2D o **RelevO** de cada dia!

Célio Borba Sugiro que exemplares do Jornal estejam disponíveis também nas tubotecas, instaladas dentro de estações-tubo de Curitiba.

Da redação: Célio, todo mês, destinamos aproximadamente 400 exemplares para as estações-tubo. Infelizmente (ou não), os jornais acabam rapidamente.

PUTO DA VIDA

Marcelo Almeida Acabei de terminar o genial e muito bem escrito artigo do Bolívar Escobar na edição de dezembro/23 do Jornal e já vim para cá puto da vida. Alguns memes reproduzidos são ilegíveis! A sacada de acompanhar o pensamento de alguns filósofos em relação a atual socialização do indivíduo através da internet ficou deveras prejudicada. Aliás, a despedida da ombudsman Amanda Vital poderia ter virado uma nota de rodapé. Assim, todo aquele espaço serviria para vocês ampliarem os memes. E não me venham dizer que a culpa é do revisor! Vida longa ao **RelevO**!

DIÁLOGOS

Jornal RelevO Que acha da ideia de assinar o nosso periódico?

Talido Mida Tenho uma ideia melhor: o que acha de me contratar para escrever e revisar os textos do Jornal? Eu voto na minha ideia.

Fernando Osher Boa tarde, saudações. Bom, infelizmente preciso negar a proposta, pois já estou gastando muito dinheiro nas mensalidades com o rabino. Bom trabalho ao editor e para toda a equipe.

Julia Rodrigues Olá, Jornal, obrigada, por ora não tenho interesse em ser assinante. Parabéns pelo produto, é bastante singular e o projeto gráfico é muito bonito. Votos de sucesso.

CHAMADO DE PUBLICAÇÃO

Curta Poesia Muito bom! Adorei o paporreto com pitadas inteligentes de ironia.

Ray Dias Não conhecia, mas cheguei aqui por anúncio no Instagram e agora estou muito curiosa para conhecer vocês! Vou visitar o site e, lógico, enviar texto, porque somos ousadas.

Dina Dominick Adoro! Ótima qualidade.😍

Maria Carol Dias Queria assinar de novo =) Saudades do meu jornalzinho.

Sandra Modesto Assinei por um tempo, mas minha vida é cheia de gastos com minha saúde. Tive que priorizar.

Ricardo Rodrigues Fui assinante por um tempo. Mas a vida apertou o cinto das minhas calças puídas…

Marcio Reneé Tenho recebido o Jornal e estou adorando.

Gabriel Alencar Até deu vontade de enviar novos materiais, mas agora o editor está verificando a caixa de entrada do e-mail com muita frequência e as negativas estão vindo muito rápido. Antes eu me iludia ao menos.

Alice Casimiro Lopes Grande iniciativa. Gosto muito do **RelevO**.

Eliss de Castro Assino há... quantos anos, mesmo? Acho que sete. E vou enviar em breve meus mal traçados versos.

Renata Dalmora Eu sou uma escritora triste escrevendo sobre escrever, mas vou tentar hehe❤️ Vou achar algo diferente

José Henrique Calazans Desculpem pela brincadeira, mas me deu vontade de fazer alguns versinhos brincando com a ideia de um escritor triste fumando em um bar escrevendo sobre o valor de escrever poesia enquanto seu amor não correspondido acaba de sair pela porta... (rs). Vocês me autorizariam a escrever, mesmo que eu não tenha coragem de enviar? (rs)

Cora Pandora Gosto muito do trabalho de vcs. assim q puder, assinarei

NOVO OMBUDSMAN

Zeh Gustavo A convite da Amanda Vital, a quem tenho a honra de suceder, e após aprovação pelo Conselho Editorial do Jornal, assumi em janeiro — vejam só! — um mandato de ombudsman no **RelevO**, que é um impresso mensal de literatura, sinônimo de humor e resistência cultural sem medida, que adentra seu ano 14, com tiragem mensal de 4 mil exemplares. Para quem não lembra ou não viveu essa época, o ombudsman é uma espécie de amado maldito, nas redações, a quem cabe a tarefa inglória de fazer um apanhado de erros e acertos do periódico, ser uma voz crítica e de diálogo como os leitores, em meio à rotina corrida da disciplina noticiosa. Fui criado com poucas certezas familiares e uma delas, junto com o "tem que aprender datilografia, meu filho", era o "tem que ler jornal para se manter informado". Posso ir além e dizer que minha mãe se alfabetizou lendo jornal. E me passou esse legado, de alguma forma, embora eu tenha sido o primeiro a tirar um grau na faculdade formal. Sim, senhores: o branquelo aqui vem de família iletrada e não musicada. Em casa não havia nem livros nem instrumentos; mas havia jornais. E "caixinha" (rádio) tocando. Ninguém do **RelevO** sabe dessa minha história. E não a contei em minha primeira coluna, em que persigo, bem caxias, cumprir a função e tanger o humor sábio do jornal, com o qual muito me identifico. Aliás, leia o Jornal: a assinatura anual custa 70 reais, o que é muito, mas muito menos do que você paga em qualquer streaming, app ou academia que você contrata. Você recebe 12 edições de um trabalho de uma baita qualidade editorial, feito em geral no vermelho da grana e no azul da fibra com que se deve levar uma missão de arte. Em "Cuidado: há um sambista na porta lateral", parto da Gotham City do Macalé para dizer desse meu lugar dinizista nas letras e canções. Ser ombudsman do **RelevO** é mais um desses movimentos: "Meu amor é bifurcado como o título do último Jards: poesia & música — se bem amalgamadinhas, hum…". A arte braba da capa de janeiro e outras ilustrações do mês são de autoria de Maria Barbieri. Sigamos na encruza das artes com a vida levada com gana e algum engenho. Axé!

Jane Souza Sigamos! Com o Jornal na caixa de correspondência fica bem melhor. Sorte forte aí!

René Licht E não é que ainda há vida inteligente…

William Sertório Uma iniciativa louvável a bem da literatura.

Juliana Dacoregio Já tive material publicado por vocês e guardo com carinho. Vamos à próxima tentativa: será um texto sobre uma escritora triste fumando e escrevendo um poema sobre a importância de se escrever um poema quando seu amor acabou de sair porta afora porque ele não suporta mais estar com uma mulher que vive escrevendo poemas sobre escrever poemas, fumando sozinha no bar.

Maria Clara Aquino Que bonito o processo de produção!

Fernanda Jagger O único jornal impresso que eu leio!

Dos búlgaros ao Brasil Poeira

APOIADORES

Abrimos oficialmente a temporada de rimar amor com dor, de perguntas como "com ou sem caracteres?" e das leituras de novos materiais para as próximas edições do nosso impresso, quase 14 anos circum-navegando de forma ininterrupta. Neste período (que engloba 176 edições), publicamos mais de 2 mil autores e autoras, 90% destes pela primeira vez em um veículo impresso. Alguns que por aqui passaram, inclusive, ultrapassaram a barreira da nossa inexpressividade e hoje são colunistas de jornalões e agitadores sazonais do Twitter-X, o que, muitas vezes, significa a mesma coisa (ao menos com remuneração bem melhor que o **RelevO**, que não volta *cashback*).

Não fazíamos um chamado público desde março de 2020, primeiros dias da pandemia. Recebemos, à época, aproximadamente 3 mil colaborações, o que resultou em um caos logístico e editorial. O que mudou de lá pra cá? Além de organizarmos melhor nosso fluxo de avaliações —acredite: estamos em dia com as leituras de janeiro de 2024 para trás —, também estamos muito mais *esclarecidos* com o que buscamos em nossas páginas. Basicamente, três fatores se desdobram em outras camadas:

1. Textos bem escritos, ou seja, que respeitam as normas básicas da nossa língua ou as subvertem conscientemente, criando efeitos estéticos ou sinestésicos interessantes [geram beleza].
2. Textos criativos, inesperados, imprevisíveis, que fogem das soluções mais comuns do nosso tempo. Textos que explicam menos e não duvidam da capacidade de compreensão do leitor.
3. Textos simplesmente divertidos e criativos.

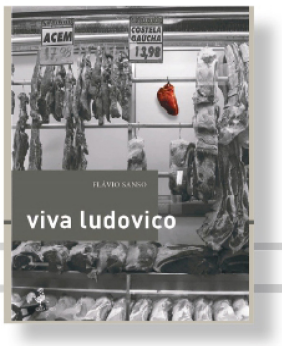
Naturalmente, somos surpreendidos com textos que não se encaixam nesses eixos. Conforme a nossa linha editorial, "não temos nenhuma restrição quanto ao tema, embora, a bem da verdade, estejamos um pouco cansados de literatura com a linha 'escritor triste fumando em um bar', 'escritor triste escrevendo sobre escrever', 'poema sobre o valor da poesia' e 'meu amor não correspondido acaba de sair pela porta'. Isso não significa que materiais dessa natureza serão automaticamente piores e/ou recusados".

Junto do chamado para publicação, também fizemos a devolutiva de mais de 700 textos recusados. Trata-se de um processo desgastante em níveis diversos: responder negativas (quem gosta de trazer más notícias?); tomar decisões injustas (e se desmotivarmos um talento genuíno?); e, naturalmente, ler – talvez o melhor verbo seja "enfrentar" – centenas de textos realmente indefensáveis. Também sabemos que um autor não selecionado tende a guardar algum rancor do veículo. Não acontece com todos, mas acontece. Resumindo: perdemos potenciais assinantes (capital financeiro), perdemos seguidores e entusiastas (capital simbólico).

Sempre reforçamos ao autor que fique à vontade para submeter outros materiais quando quiser. Esclarecer isso não impede que recebamos algumas tréplicas na linha "Tudo bem, o texto x é um sucesso de público, talvez o problema não seja comigo…" ou "Sou jornalista há mais de 20 anos, tendo ganhado alguns prêmios de literatura com crônicas, contos e poesias. Escrevo diariamente crônicas esportivas para um portal parceiro da rede x, gostaria de saber mais detalhes do por que minhas obras não seriam publicadas, já que contém potencial literário". É do jogo, é do jogo.

Escolhas editoriais, mesmo que guiadas por um farol bem estabelecido, nunca deixarão de ser subjetivas, ratificando a nossa posição de meros leitores de uma certa e vasta produção que chega até nós, de traduções de escritoras eslavas a textos que falam das "Estradas de chão, violas, bandeiras / Terra de Tom, Tonico e Tião".

Uma boa leitura a todos.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria sergarantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Zeh Gustavo

CRISE: o que faremos depois da escrotidão?

A culpa não foi, tanto, minha: as cartas de janeiro é que deram a deixa. Valeu, Catarina Lara Resende (será ela parente do Otto, amigo do Nelsão, a quem este atribui a frase "O mineiro só é solidário no câncer"?) e suas *Doses de escrotidão*! Teve ainda o relato do apogeu e queda do Clube de Literatura Café no Cocô, por Cândido Magnus, um nome acima de qualquer suspeita. Houve as *saliências* de Natan Schäfer, citando José Paulo Paes: é sempre por essas que escrotos como nós geramos algo como "[...] a carne possuiu a carne" ou "nossa cabana tem furos no telhado", em que se acusa a Lua de ser uma tremenda *voyeuse*. Então pediram, ah se pediram!

⋆

O Conselho Editorial deixou passar mais esta: a terapia *não* está, nunca estará em dia — falta-me, além de fé na viabilidade de uma *adimplência psicológica* (!), o quinhentão mensal para minha autoelevação espiritual diante do mundo da classe média analisada. Mas, ao contrário da Matilde Campilho (aquieta, coração!), eu choro fácil. Isso equilibra um pouco as coisas?

⋆

Já me apresentei, seção passada, mas faltou dizer que eu sou um cara *meio* escroto (e precisava?), daqueles apaixonados pelos boleros lúdicos e torpes de Aldir Blanc, pela cafajestice lírica dos filmes do Hugo Carvana, pela rouquidão gostosa da Zezé Motta e pelos palavrões da Dercy Gonçalves. Arte-xarope eu tento sequer nem comentar, quanto mais doar-lhe um roçar qualquer de meus sete sentidos.

À questão: não bastasse o sequestro de ao menos certos simulacros de escrotidão pela direita mais imbecil — a fascistada que devia estar em cana! —, noto haver ainda uma outra crise, fruto de um surto de (pseudo)moralidade nos discursos, sobretudo os virtuais. E onde falta escrotidão também há de faltar amor & arte: não há literatura sem flores de escatologia e cretinice, ou seja, *escrotidão* tirada a método e a quente; tampouco amor sem uma sacanagem de leve, essencial à construção de afetos, digamos, mais carnosos. A assepsia da vida, tudo controladinho como num aeroporto, é o maior dos precipícios.

⋆

— Fiu! Já sei! Fazendo caras de intelectual fingindo que tem vida interior intensa, né, ô babaca?!

—Poupa meu saco, Passarinho, poupa meu saco! (...)

—Já sei! Fazendo caras de intelectual da geração perdida, fingindo que é agressivo e vingador, né, ô Hemingway de merda?

Carvana e Antonio Pedro riem de soslaio em certo momento dessa passagem antológica de *Bar Esperança: o último que fecha*, com Denise Bandeira nuíssima, Marília Pêra impecável de descolada, Pereio de Pereio e uma penca de gente-personagem em rota fácil de ser cancelada no mundo pós-escrotidão. Como a boa sem-vergonhice, acha-se grátis o clássico no YouTube.

⋆

Bolívar vai à academia. Olho assustado, adio o quanto der a missão, mormente após trocarem o velho *malhar* por *treinar*, o que nos remete à antiga Melô do Romário: "Treinar pra quê, se eu já sei o que fazer?!"

⋆

Erlândia taca o porrete em almas amesquinhadas pela busca do encontro flácido: somos, cada qual, um microacidente "[...] que é milagre / e desastre / na mesma medida".

⋆

Escrutinadores da Akadimia pululam na redessoci e amam um Jorge Aragão feito com caipirinha de 51, com um toque de análises sociológicas do novo BBB. Às vezes, misturam Belo a discurso massa-empoderadx e Bacardi Maçã. Denúncia: é no dia seguinte disso que boa parte dos artigos e *papers* são produzidos.

⋆

Lembremos do que nos dizem os verdadeiros pulhas: crise é oportunidade!

⋆

Baby, pode soar a cantada barata, mas é importante para o futuro da nossa relação: você já ouviu falar de *caralhinhos voadores*?

André Miranda

Urraca

O alvoroço da alvorada concatenava com o zumbido que eram os pensamentos de Urraca, que, naquele momento, após horas agastando-se na cama, desgastada de insónia, olhava a praia. Tão cedo repleta. Seria um dia de muito calor.

Desde pequena moça, desde os luzidios anos da infância, que Urraca se questionava por que, sendo portuguesa, assim se chamava. A mãe, Maria Emília, recusava-se satisfazer-lhe a curiosidade, ralando-se nunca com o espingardeio paulatinamente incessante da filha. Vacilou uma só vez. Quando o coração lhe desaprendia de bater, Maria Emília, estirada no leito, arfava um arfar libidinoso: os pulmões dançavam o tango com a morte de gânfias obscenas e perpétuas. Urraca, percebendo o inaudito do momento, pensou: é hora. E perguntou: por que me chamo eu Urraca? Ao que a mãe sorveu um último trago de oxigénio, um último torvelinho de ar e, numa voz amarfanhada, uma voz que já ultrapassara o funesto umbral, respondeu: Afonsos existem os bastantes.

Foi num dia de grande festim, em que a aldeia celebrava num turbilhão como dilúvio garrido, que Urraca nasceu. De entre as pernas daquela mãe, gigante até à hora da morte. Fruto de um pai desaparecido ainda antes da concepção, escapando até de ser reminiscência. Foi educada em casa por Maria Emília. Uma educação de abismos. Antes das letras ou dos números, Maria Emília ensinou a Urraca o intragável da existência. Um ardil urdido por um Deus que há muito já nem era silhueta. Sobrava só um resquício de faz de conta. E esses gaiteiros que se esfusiavam com a vida eram uns pobretanas que nunca haviam parado minuto que fosse para contemplar o esquálido de existir. E se aqui estamos é porque o instinto pode mais, concluía Maria Emília.

A morte da mãe não foi libertadora, nem fez eclodir em Urraca a libertinagem. Continuou refeiçoando lapidarmente: um pedaço de pão, um toco de carne, uma batata. Comer era um embuste que havia que dilatar o menos possível. Assim como duchar o corpo. Urraca entrava no chuveiro às arrecuas, a água gélida lacerando-lhe as vértebras como pedras lançadas por fedelhos. E nas poucas vezes que saía

você tem
*um **livro de poesia?***

nós temos
*seus **leitores***

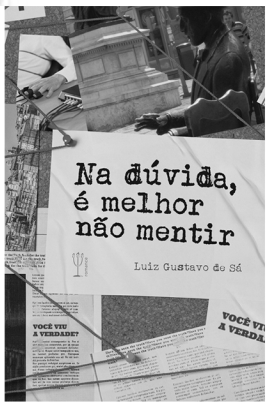
envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia

de casa para comprar o frugal necessário, abria a porta com muito cuidado, como se coçasse o cu no meio de uma plateia. Apenas abria uma frincha, por onde esguia pudesse alçar o corpo. Evitava assim que algum raio luminoso de sol lhe entrasse em casa, alastrando-se e esboroando a nauseabunda sombra. A passagem dos anos confundia-se numa amálgama de silêncios.

Nas raras saídas que tinha, verificava-se que Urraca ostentava uma beleza equiparável ao vozeirão de um cantor de ópera. E à mínima mirada até o mais empedernido homem embevecia-se por ela. E os infelizes que se embeveciam, tombavam como chuva enlouquecida ao compreender o infrutífero das investidas apaixonadas. Nem a mais desabrida retórica fazia Urraca abrir a janela ou correr uma cortina. Não que ela fosse incapaz de sentir ou tivesse o coração envolto em fuligem. Ou tivesse um torniquete na aorta que lhe impedisse o fluir de açucarados sentimentos. Simplesmente, os homens eram insípidos.

Apenas um rapaz lingrinhas reparou que Urraca se zonzeava ao pôr os pés na areia. Tentou chamar a atenção da mãe para aquela mulher tão velha num vai que não vai que cai, prestes a estardalhar-se. Mas a mãe ignorou-o, preferindo arrazoar com a cunhada sobre o alucinante preço do raminho de salsa. Não foram as únicas a não reparar. Pois os quantos eram na praia dedicavam-se, como é hábito, e nada condenável, à exígua circunferência em que cada um de nós é. Exceto o rapaz. Especado na mulher.

Por instantes, Urraca, ao tocar a praia, depois de retirar os botins, quedou-se quieta, sentindo a areia chispando-lhe quente nos pés. Os primeiros passos foram atabalhoados. Mas não vacilou. Afinal não era uma cagarola qualquer. Depressa ganhou-lhe o jeito e galgou até ao mar. Aí chegada mordiscou com as pontas dos pés a água. O mar apresentava-se de semblante viçoso e calmo. E quando já tinha a água pelas canelas, Urraca sentiu uma mão unindo-se à sua. Uma mão pequenina, lingrinhas. O sol estava já empoleirado nos píncaros do céu. Mas o calor todo estava naqueles dedos entrelaçados. Foi um dia de muito calor.



Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news.*

"A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais", sentencia Dostoievski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux.**

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casmurro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de "verdade" e "mentira". "Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático", diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de "verdade" e "mentira". "Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático", diz Gustavo.

Na dúvida, é melhor não mentir
Luiz Gustavo de Sá
R$ 45 (174 p., Penalux, 2023).
editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir

FLESCH'S NOTES
Costurando cadernos • Realizando sonhos

Juliana de Azevedo

Coisa na comida

Afundou as mãos na mistura de manteiga e biscoito triturado, apertando a umidade na pele, contra o fundo da tigela. Emergiu as pontas dos dedos e passou os polegares nas unhas. Esquecera de colocar luvas. A do dedo indicador direito estava mais curta, rente à carne. Deveria tê-la lixado; imaginou que fosse roê-la ou arrancá-la nos dentes, não que desaparecesse na comida.

"Está bem, vó, fico feliz que venha, um beijo", Sandra disse e desligou o celular, colocando-o na mesa, entre a margarina aberta, o saco de farinha de trigo rasgado, o açúcar derramado, a pimenta espalhada fora do saquinho. "Temos mais dois pro almoço, a vó vai vir também, ela e o vô".

"Que bom", Madeleine falou com um sorriso discreto, os dedos ainda deslizavam na tigela com movimentos lentos, que não condiziam com a velocidade dos pensamentos. Qual a última lembrança com a unha ainda no dedo? No banheiro, quando foi lavar as mãos para higienizar o forro da forma. A unha só podia estar entre os farelos.

"Acho que já tá bom isso aí, hein", Sandra disse olhando por cima do ombro da namorada. Madeleine concordou com a cabeça, não desgrudava os olhos da mistura. Esfregava as mãos uma na outra como se as lavasse. Afundava-as na massa outra vez, esfregava de novo, como se estivesse espalhando hidratante. Trouxe a forma de fundo removível para perto, esbarrou na sacola de cebolas, lembrou que picara uma para o arroz e outra para a carne moída, duas panelas borbulhando no fogo. Sandra as rodeava. A faca de picar era afiada, unha nua é transparente, cor de cebola refogada. Sandra pegou a colher de pau para mexer a carne moída.

"O que é isso?", Sandra apertou as sobrancelhas. Com a ponta da colher de pau, pegou da carne moída. "Olha aqui, deixou cair casca de cebola."

"Ah, sim", Madeleine disse sem a alma no corpo, "Eu vi a hora que caiu".

"E por que não tirou?"

Madeleine não tinha uma resposta razoável. Simplesmente não ligava para casca de cebola na comida, mesmo sendo maior que uma ponta de unha.

"Nossa! E isso aqui?", Sandra enfiou o rosto na panela de arroz, "Madeleine, o que é isso?"

Os dedos de Madeleine afinaram tanto a massa que quase encontraram o fundo da forma.

"O que é?"

"Vem ver."

Madeleine segurou a respiração e, cuidando para não fazer ruído com os chinelos de borracha no piso, aproximou-se do fogão. A pele do rosto quase se soltou dos ossos de tão relaxada quando viu o arroz branco, sem nada. "Qual o problema?"

"Não falei pra você ralar a cebola do arroz? Olha o tamanho desses pedaços."

"Cebola cortada grande assim é melhor pra quem não gosta, é mais fácil de pescar do prato."

"Não, é péssimo. Ralada deixa a comida saborosa, e o paladar de fresco não sente."

Madeleine terminou de forrar a forma com os farelos úmidos, nada da unha. Se houvesse caído nas panelas, era provável que tenha amolecido. Observou a namorada despejando os sachês de extrato de tomate sobre a carne moída fumegante. Já era, agora que não encontraria mais nada. Sandra pediu para ela abrir a massa de lasanha e pegar a maior forma da casa. "Tomara que tragam mais sobremesa", Madeleine pensou quando pegou a forma da largura de seu quadril 44 para servir seis pessoas.

"Poxa, fiz torta holandesa", disse Sandra à mãe assim que ela chegou com o pai. Edson e Sirlene traziam um bolo de frutas. Sandra já havia tentado fazer essa sobremesa, mas não tinha dado certo. Era pro aniversário de Madeleine. Foi uma conversa de uma hora pelo telefone, recebendo instruções da mãe de como fazer para não deixar a massa seca e o creme muito doce. Gosto e textura ficaram até bons, só faltou beleza no bolo. A culpa foi da falta de um recipiente bonito. O bolo precisou se contentar com uma tigela de plástico pequena.

"Quanto mais sobremesas, melhor", disse Edson, rindo de deixar os olhos miúdos. O bolo nas mãos de Sirlene, decorado caprichosamente, em embalagem descartável, parecia comprado.

Sandra pôs a mesa de um jeito diferente de sempre. Fez questão de colocar a comida em travessas de vidro e de madeira, sobre descansos de panela feitos de vime. Havia comprado pratos novos, lustrado taças de alças altas e posto talheres para conhecerem a luz do dia. Correu na frente dos pais, ainda não poderiam pisar na sala. Esquecera-se de ligar o som, seu pai achava que almoço sem música era velório chique. A sala se encheu de boleros e cantores de vozes melosas, melodias de introduções cinquentenárias.

"E como está, Madeleine? Conseguiu trabalho?", perguntou a avó enquanto partia, tremulamente, um pedaço da lasanha no garfo. Seus olhos espremiam-se centrados no rosto da moça, tão angulados quanto seus lábios pintados com batom cintilante.

"Ainda não", Madeleine respondeu. Parecia ter desaprendido a usar talheres, batendo garfo e faca um no outro, descoordenadamente.

"Mas ela vai conversar com a moça do pet shop essa semana, abriu vaga pra atendente", disse Sandra no momento em que seu braço se estendia tomando a mesa, tentando alcançar a salada de folhas.

"Tomara que consiga. Morar com a amiga é bom, mas nada como ter seu próprio espaço", disse Sirlene, sorrindo sem se importar com a boca melada de molho ou se havia alface presa nos dentes.

"A gente se dá bem", Madeleine falou, começando a enrolar a barra da roupa nos dedos.

"Sem querer jogar agouro", a avó disse, levantando a mão para reforçar seu discurso de matrona, "mas, quando uma de vocês arranjar namorado, daí vão mudar a cabeça". Interrompeu-se, havia corpo estranho na boca, entre os dentes. Tentava reconhecer a peça rígida que mastigava. Empurrou com a ponta da língua a migalha cor de nada e semitransparente, "Comprou essa carne dura, filha?"

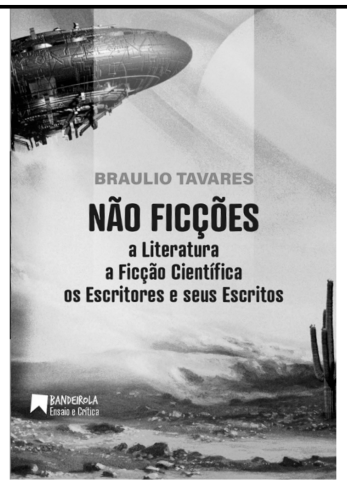
Sandra cerrou os lábios e estendeu a palma, onde a avó depositou o pedaço de gordura.

"O açougueiro me enganou, disse que era de primeira", a moça disse, saindo da mesa. Jogou o que a avó cuspira no lixo da pia.

Ainda agarrando a barra da camiseta, Madeleine espetou o dedo. O pedaço da unha estava preso, escondido no tecido.

Abacateiro

Um poema que palmilhe
pedregoso
sentido bairro centro
e vice-versa
áspero
leio muitas páginas por semana
e apenas um exemplar de mim:
contemplo – solitário – abacateiro
Ponte Cidade Jardim
abacates em verde e cinza
apodrecem
na alça, esquina com a ponte
beira do rio
paralelo
um poema que derrube
furibundo
pela raiz
esta melancolia

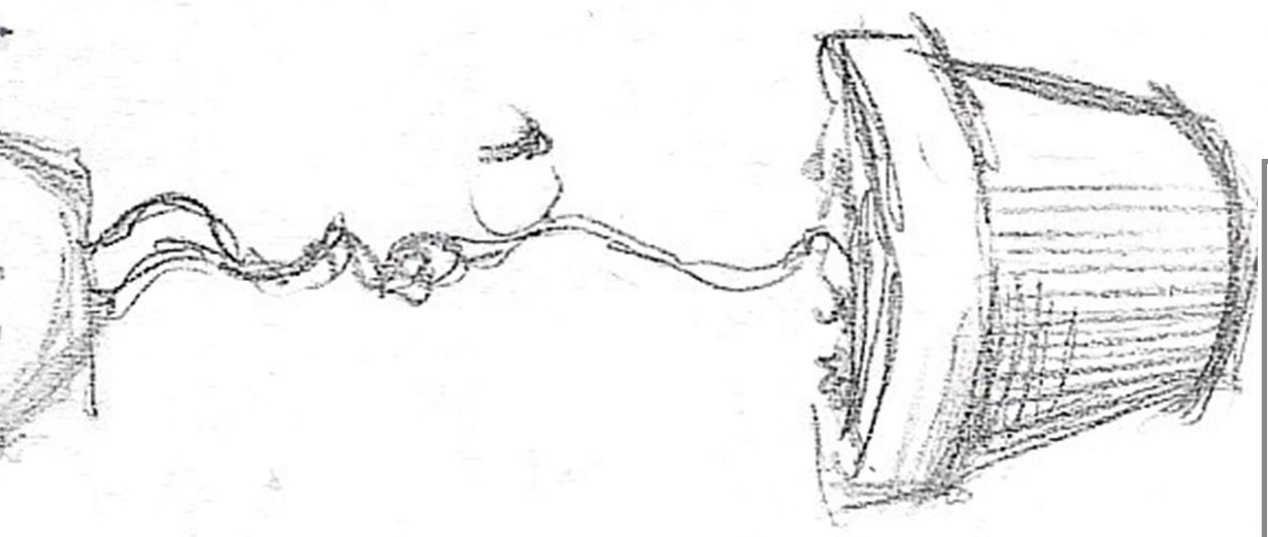


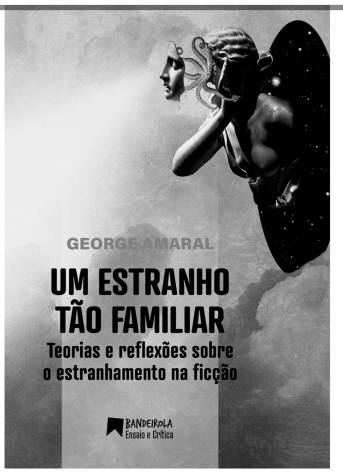
O mundo em 2065 / Tolkien e Guimarães Rosa / A ficção científica no cordel / Arte e Transgressão / The Pulp Jungle / O livro que mudou minha vida: The *Encyclopedia of Science Fiction* / *Assombro e alumbramento: as Crônicas Marcianas* / *O Herói e as sombras do mundo* / *Colin Wilson, um perscrutador do Oculto* / *O efeito Hoen* / *Como era o ano 2000* / *Os Iberos: uma defesa da ficção psico-histórica* / *A folk fantasy de Manly Wade Wellman* / *Jorge Luis Borges e as Lendas Urbanas* / *A visão cósmica em Drummond e Augusto dos Anjos* / *Os labirintos de aventuras do professor Malba Tahan* / *O folhetim: uma herança misteriosa* / *The Void: From Borges's Being to Perec's Nothingness* / Em defesa da literatura hard / RPG e Arte / Statira, e Zoroastes: Uma fantasia oriental de 1826 / As aventuras de Dick Peter / A Rainha do Ignoto: Uma utopia romântica de 1899 / Entrevista com Tim Powers / As guerras e as estrelas

Título: **Não Ficções – a Literatura, a Ficção Científica, os Escritores e seus escritos**
Autor: Braulio Tavares
Número de páginas: 192
Preço: 84 reais

BANDEIROLA

www.bandeirola.com.br





Introdução / O véu de familiaridade e a suspenção de descrença / O Infamiliar da Psicanálise Repetições e a compulsão à repetição:
Telepatia - Onipotência dos pensamentos - Animismo - Retorno do recalcado - Morte, cadáveres e retorno dos mortos, espíritos e fantasmas - Loucura, epilepsia e outras doenças - Partes do corpo humano - Ser enterrado vivo - - Solidão, silêncio e escuridão – Antropomorfismo ou humanização - Autômatos - Linguagem
O Ostranenie do Formalismo Russo / Semiologia, mito e contramito / A leitura do mito / 0 Efeito-V / O Estranhamento Cognitivo da Ficção Científica O Estranhamento na Ficção do Antropoceno / Conclusão / Referências

Título: **Um Estranho tão Familiar – Teorias e Reflexões sobre o Estranhamento na Ficção**
Autor: George Amaral
Número de páginas: 128
Preço: 60 reais

BANDEIROLA

www.bandeirola.com.br
atendimento@bandeirola.com.br

JÁ REVISOU SEU TEXTO HOJE?

Se você precisa, o Tony revisa! Sou revisor há 24 anos, com muito amor e dedicação na revisão de poesias, contos, crônicas, romances, de todos os gêneros e para todos os gostos. O preço é justo, o serviço é ágil e bem feito e emito nota fiscal.

Tony R. M. Rodrigues – WhatsApp: (48)99629-3305
E-mail: tonyrevisor@gmail.com – Insta: @tonyrevisor
Site: www.tonyrevisor.wordpress.com/servicos

Cartadas Literárias

Quer prêmio, medalha, reconhecimento, amor? Escrever é só um detalhe.

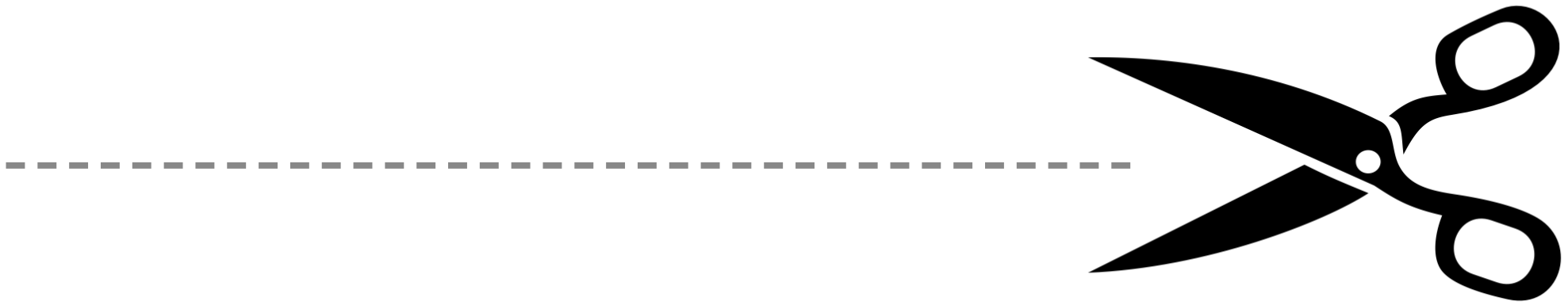
Em mais um magnífico empenho cívico, o **Jornal RelevO** apresenta em primeira mão – antes mesmo do revisor acordar do Zolpidem –, o inédito *OK, MAS VOCÊ SABIA QUE EU…: Cartadas Literárias Para a Família Toda*, novo livro de **Marcos Sciupettino**, premiado escritor de Botucatu-SP, guru e agente de marketing de rede com dezenas de prêmios literários. "Tenho 53 prêmios literários, e nunca escrevi uma linha… opa, agora são 54 – acabei de receber um e-mail da Câmara Municipal de Serra Talhada (PE)". Nauseada no terreno pantanoso entre a inveja e o desdém, a estagiária do Jornal preferiu não se manifestar, mas acompanhou atentamente as lições de Sciupettino, relatadas a seguir. Aprenda com o mestre:

CARTADA #1: O PRÊMIO

Esse é o *step one*, a essência. A árvore da qual todos os frutos derivarão. Sem um prêmio você não é nada. Você é um bosta. Você não é reconhecido por ninguém. Não engraxa nem conta com 1.200 seguidores. Eu comecei top 2 no "I Prêmio Educar Botucatu de Microcontos". Bem, não teve um II Educar Botucatu de Microcontos. Ninguém se importa, porque a partir dali eu obtive um salvo-conduto. Uma licença. Veja, se o Oscar e a Fifa vivem fazendo cagada com prêmios que envolvem centenas de milhões de dólares, você acha que o Concurso de Ensaios Editora Biquibiriba é coisa séria? Meu amigo, abraça o sucesso e é isso. Já parou para pensar que, a partir do momento que você ganha um prêmio, você é – literalmente – *premiado*? Mais que um prêmio, um adjetivo. Uma qualificação: uma qualificação inquestionável. Aí você ganha um prêmio (que na maioria das vezes vale literalmente NADA; capaz até de cobrar participação, impressão e afins) e, no segundo prêmio (que também não vale nada), já participa como vencedor do primeiro. No vigésimo – nem todos vão dar certo até lá, o importante é manter a constância e fazer o máximo de esforço na luta pelo esforço mínimo –, quem te recusar já vai começar a duvidar de si mesmo. "Mas ele é tão… premiado! O que estou deixando de enxergar?". Assim surge o ciclo divino da primeira carteirada (e boa parte da roda da vida do professor universitário).

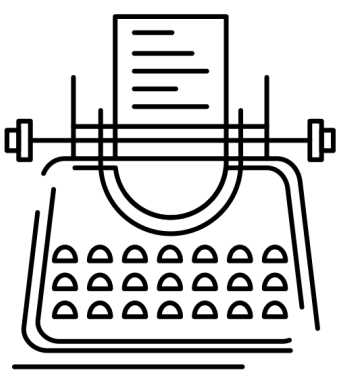
CARTADA #2: HERÓI DO BATE-BOCA

Você acha que o Romário era famoso pelos gols ou pelas polêmicas? Pelos gols, obviamente. Mas você não é o Romário – e as polêmicas ajudam. É preciso calcular os alvos certos. Comece implantando boatos sobre si mesmo – "deixou o professor de Sociologia na ponta do pé no Terceirão" – e acusando de volta (quem? Tanto faz, oras. Você tem que ser vítima e, ao mesmo tempo, agressor). Depois, parta para os debates, de preferência contra os mais feios – ofender gente mais bonita que você é um tremendo equívoco. Afirmações rocambolescas que tragam (antes de mais nada) atenção e um leve senso de "esse cara é perturbado, mas todo gênio é perturbado, não?". Pronuncie-se de boca cheia – "mas ele fala tão convicto…". Cuide com a linha da obviedade: não adianta falar que a Terra é plana – é preciso ser original uma vez na vida. "Os astecas eram todos gays"; "fui até a Muralha da China e sei que ela não existe"; "Existe uma cidade subterrânea em Araguaína (TO)" (por sinal, fui premiado lá). Por fim, de besteira em besteira, eventualmente você se torna especialista em alguma coisa por acidente.



CARTADA #3: ESCREVA... *SORT OF*

Você deve estar se perguntando: mas poxa, cadê o conteúdo? "Sciupa (como sou conhecido por aqui, e aqui obviamente é São Paulo), como você começa ganhando prêmio sem escrever?". A verdade é que esses ChatGPT acabaram com toda a graça. Agora ninguém tem desculpa pra não ganhar um prêmio literário. Mesmo. Não tem mais romance. Até pouco tempo atrás, a Cartada #3 exigia uma *arte*, uma beleza. É o que diferencia um vigarista elegante de um golpista fuleiro. Facilitar tanto o charlatanismo foi um duro golpe no charlatanismo. Enfim, perdi tudo, mas é preciso se adaptar. Hoje, é só gerar textos *ad nauseam* e enviar pro Brasil inteiro – os melhores prompts (e os melhores concursos) eu ensino no meu curso, pra você que é toupeira a ponto de precisar desse apoio. Custa menos de R$ 1.000 e dá pra parcelar! Também tem a mentoria…

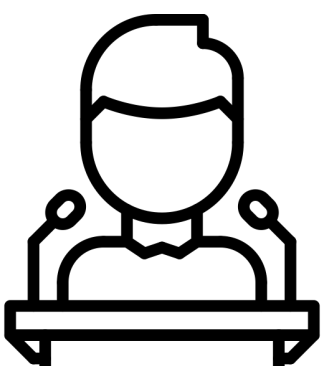


CARTADA #4: ACADEMIA & PERIÓDICOS

Intermidialidade, semiótica, literatura comparada. O mundo tá cheio de vendilhões do templo, e já pudemos perceber que as habilidades retóricas de Jesus você não tem. Então, aprimore-se em ser o que você sabe que não é pela via de uma palavra malandramente colocada ao lado da outra. Assim nasceu o meu reconhecido artigo "As veredas de Guimarães Rosa na mística de Tom & Jerry: uma análise anarcossindicalista". Publique. Depois de publicar, publique novamente. Tudo é autoplágio, tudo é metalinguístico. Foi pego no pulo? Era parte do plano. Era um projeto. Publique como relato. Autoficção. Se não conseguir publicar, desça ao fundo do poço e crie seu próprio jornal literário. Distribua prêmios – o que vai sempre volta.

CARTADA #5: OS CURSOS DO CURSO (ENTENDEU O JOGO DE PALAVRAS? MINHA SOBRINHA QUE FEZ)

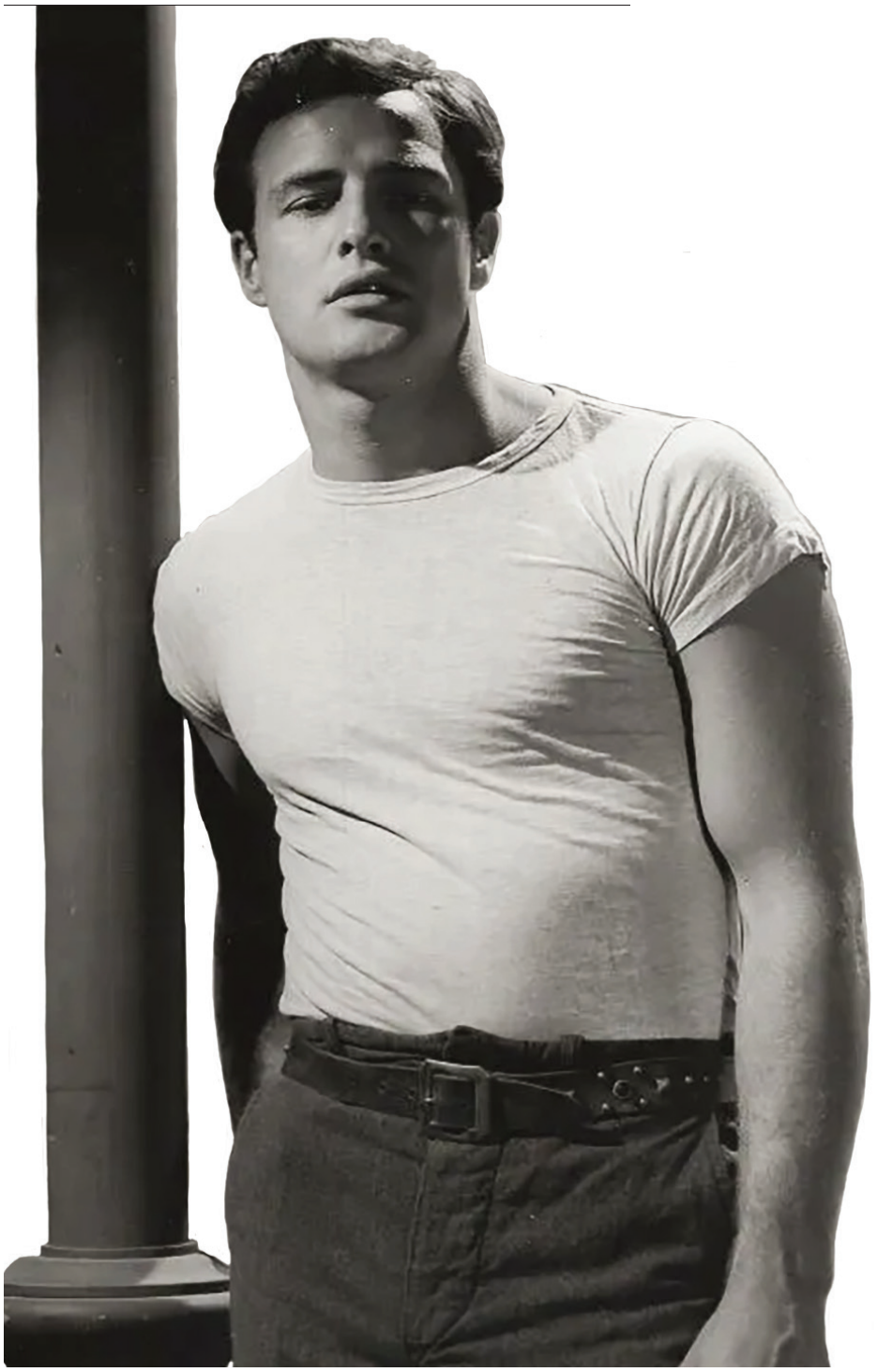
Vender curso, oras. Essa estratégia apelativa pode ser óbvia para mim, para você e para todos os seus amigos articuladinhos. Mas curso *vende*, meu amigo. Vende enquanto você lê esse Jornal, enquanto o Sciupettino grava uma *masterclass* gratuita – o que caralhos significa *masterclass* hoje? Qual é o sentido das palavras? Por que não chamamos ventilador de guarda-chuva e guarda-chuva de armário, já que aprendemos a elasticidade da semântica? Curso te transforma em referência. "Pô, o cara tem até curso". Prêmio + Polêmica + Curso, como chamo de PPC (e você pode chamar de método). Não é triste a realidade ser tão óbvia, tão melancólica? Nossa imbecilidade comunicativa, nossos formatos previsíveis não são um problema de civilização? Pois é, meu amigo, tanto faz. Alguns aproveitam; outros #sciupaodedo.



E N C L A V E

a newsletter do Jornal **RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<https://jornalrelevo.com/enclave>



Menos colarinho, mais Marlon Brando

Você provavelmente está usando uma camiseta agora, principalmente se estiver em casa. Eu estou. Mas se prestarmos atenção às representações visuais de um passado não muito distante – desde o início do século 20 –, observaremos essa peça em contextos diferentes do atual. Em *Mad Men*, *Peaky Blinders* e virtualmente qualquer filme de guerra ou *western*, a camiseta costuma ser encontrada sob a camisa de botões do personagem masculino.

Ora com *henley*, ora com ceroula, ora com *union suit*, fato é que o dorso esteve coberto de maneiras diversas, intermediando a relação da pele com a camisa. Em determinado momento, porém, a camiseta – esta tão popular hoje – deixou de ser *algo que usa se por baixo* para se tornar *algo que se usa*. Quando, exatamente?

Claro, transformações culturais não ocorrem do dia para a noite – seria irresponsável atribuir tal mudança a um só evento. Por outro lado, isso é exatamente o que faremos, visto que carecemos de compromisso com a verdade, confundimos correlação com causalidade e porque, afinal, acabamos de alertar para nossa licença poética ("qualquer coisa, chama de literatura", aconselhou um amigo historiador, sóbrio há quase dez dias).

Uma contextualização responsável já foi feita no Gizmodo, cuja leitura recomendamos. Dela extrairemos algumas informações antes de seguir adiante:

> "Pouco após o fim da guerra, o autor F. Scott Fitzgerald se tornou a primeira pessoa conhecida a usar a palavra

> 'camiseta' (ou *t-shirt*, em inglês), em seu romance *Este Lado do Paraíso*, como um dos itens que o personagem principal leva para a universidade. (...) Quando a Segunda Guerra Mundial começou, a camiseta 'moderna' já era comum em escolas e universidades pelos EUA, mas não era onipresente e ainda era usada por adultos, por exemplo, como uma camisa interior. (...) O que fez com que elas se tornassem populares entre todos foi o fim da guerra, quando os soldados voltaram para casa e começaram a incorporar a vestimenta ao guarda-roupa tradicional, da mesma forma como faziam durante a guerra."

Pois bem. Lembremos o arquétipo do galã na Era de Ouro de Hollywood, desde antes até depois da Segunda Guerra (1939-1945): Cary Grant, Clark Gable, Humphrey Bogart e Gary Cooper, como na imagem de abertura deste texto. Há um padrão claro ali, isto é, de vestimenta – sequer abordaremos fatores raciais, ainda mais evidentes.

Estes senhores, enfim, estão devidamente *engomados* para nossos padrões atuais. A estrela hollywoodiana, dentro ou fora das telas, era um homem de terno de flanela cinza até os anos 1950, e terno, colete, Brylcreem e chapéu.

Em 1951, o filme *Uma Rua Chamada Pecado* foi lançado, adaptando a peça homônima de Tennessee Williams (*A Streetcar Named Desire*, 1947, também traduzida como *Um Bonde Chamado Desejo* – que, por sinal, hoje seria um ótimo título de funk carioca). E um jovem Marlon Brando, então com 26 anos, apareceu da seguinte forma.

Mais sedutor do que nunca, Brando foi Stanley Kowalski, papel que já vinha interpretando na peça durante temporada da Broadway. Este personagem havia retornado da Segunda Guerra Mundial, e não por acaso é um grande adepto de uma simples camiseta (suada, gasta e até rasgada). Stanley é bruto, instintivo e carnal, uma contraposição visível ao galã hollywoodiano clássico.

Marlon Brando também representava uma mudança na forma de atuar, empregando um envolvimento total ao personagem. Essa postura – a que estamos acostumados hoje – difere do melodrama mais caricato a que associamos a atuação até meados do século passado. Fato é que Brando – à vontade, ousado, e já falei suado? – tornou-se um ícone visual, independentemente de quão abominável pudesse ser o desfecho de seu personagem. A partir do filme, a camiseta passou a ser muito mais aceita, utilizada e procurada como uma peça autossuficiente, isto é, sem a condição de roupa íntima.

Podemos enxergar este momento como um estopim. A camisa e o terno são cada vez mais associadas a contextos formais, ao passo que a camiseta, leve e prática – de algodão ou poliéster, com ou sem estampa –, foi abraçada pelos mais diversos grupos demográficos. Marlon Brando evidentemente não é a *causa* de adesão generalizada desta peça no planeta, mas um empurrão – e um ponto de referência. Aquele alinhamento do *zeitgeist* que, se não ocorresse por meio dele, talvez ocorreria da mesma forma, pois a receita já estava no forno. (Não somos *tão* descompromissados com a verdade!)

Bolívar Escobar

Quem cuida dos cuidadores?

Ideia: criar um robô para me ajudar a ser uma pessoa menos desorganizada. E depois criar outro robô para ajudar meu robô a se organizar também.

Está aí o grande problema de tentar pegar carona e publicar algo abordando o assunto do momento no Brasil: você demora mais de uma semana para escrever alguma coisa, e nesse meio tempo acontecem mais três ou quatro catástrofes que mudam completamente o cenário, o assunto e o humor da galera. Mas vamos que vamos.

No insólito novembro de 2023, as mentes maquiavélicas do INEP resolveram anunciar um tema de redação para os jovens a partir da seguinte premissa: desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil. Aqui, nesse preâmbulo, é necessário desde já esclarecer que não estou abordando esse tema apenas porque supostamente esteve "na moda" comentar a redação do ENEM na internet. É claro que as ondulatórias do alvoroço são detectadas nas redes sociais, mas preciso ser um pouco mais sincero. Para nós, pessoas cronicamente online, é muito difícil encontrar assuntos legais para comentar a cada 15 dias em um blog. Então, quando alguma instituição governamental lança um tema de redação, a gente gosta de se sentir incluído, dá vontade de escrever também. A diferença é que a gente não faz isso pra ganhar nota. A gente ganha outras coisas[1].

Por sorte, esse tema me fez relembrar de uma ideia engavetada. Algo sobre o qual eu já elaborei uma meia dúzia de palavras, mas nunca publiquei. Portanto, vou soltando aqui logo o que eu chamo de corolário da desorganização moderna. Em resumo, o que eu gostaria de compartilhar, nas linhas a seguir, é uma ideia simples e que talvez até soe repetitiva, mas que, quem sabe, eu consiga elaborar de forma a causar desconforto e gerar engajamento: ser uma pessoa desorganizado não é um traço de personalidade ou característica pessoal. Ser uma pessoa desorganizada é um privilégio. Leiam e depois me digam se faz sentido ou não.

Há algum tempo, topei com o livro *First Steps*, escrito por um professor do departamento de antropologia da universidade de Dartmouth chamado Jeremy DeSilva. A tese da monografia é deveras interessante: trata-se de uma extensa investigação sobre o ato de caminhar. DeSilva dedica longos capítulos do seu livro para explicar, em termos evolucionistas, por que os seres humanos se tornaram bípedes e como isso nos ajudou a sobreviver.

De fato, praticamente três quartos do livro do paleoantropólogo são dedicados a reportar e discutir pesquisas sobre a história do corpo humano e o papel da caminhada nas vidas dos nossos ancestrais. O autor traz argumentos para defender o quanto caminhar é inseparável da nossa identidade — de fato, nos tornamos tão bons e eficientes em caminhar sobre duas patas que pouquíssimas calorias são gastas no processo. Podemos caminhar por horas se quisermos. Além disso, caminhar ativa os músculos, que começam a produzir miocina, uma pequena molécula proteica que ajuda na manutenção do sistema circulatório e tem efeitos surpreendentes sobre a memória, descobertos recentemente. Ou seja, DeSilva não tarda a encontrar conexões entre caminhar e ser uma pessoa saudável e cognitivamente ativa. Um capítulo específico do livro chama a minha atenção nesse aspecto.

Após delinear todo o esquema evolutivo do bipedismo humano, DeSilva resolve mencionar algumas personalidades históricas que mantinham registros do hábito da caminhada diária. A lista é composta por pensadores e artistas como Charles Darwin, William Wordsworth, Jean-Jacques Rousseau, Immanuel Kant, Beethoven, Charles Dickens e, mais recentemente, Steve Jobs. Outras figuras famosas compõem o rol, e DeSilva logo emenda uma observação pertinente: o leitor deve ter percebido que esse elenco de caminhantes traz somente nomes masculinos. Ele justifica: historicamente, caminhar por aí sempre foi mais perigoso para mulheres e outros grupos minoritários. Por isso, excluindo notáveis exceções como Virginia Woolf e Robyn Davidson, há uma lacuna de registros sobre caminhantes femininas. Sem dedicar mais palavras para essa pedra no caminho, o autor prossegue para o próximo assunto da tese e a moral da história fica por isso mesmo. Caminhar faz bem para o cérebro — ao menos, para o masculino.

Respeitando os achados e desdobramentos da pesquisa de Jeremy, começo a perceber algumas possibilidades de deixar um pouco mais densa a trama da história da caminhada. Na verdade, nem tanto em tom de crítica construtiva, mais como pura curiosidade mesmo, a pergunta que acabo me fazendo é: como esses caras tinham tanto tempo livre para ficar caminhando por aí?

Encarar a caminhada como um privilégio masculino não é uma novidade. No livro *Wanderlust*, a escritora norte-americana Rebecca Solnit dedica páginas mais aprofundadas para essa dimensão da atividade muscular dos nossos membros inferiores. Nas palavras da própria, são três os pré-requisitos para adotar a caminhada como uma atividade de lazer: "a pessoa precisa ter tempo livre, um lugar para ir e um corpo desimpedido por doenças ou restrições sociais". É nesse último quesito que Solnit lança suas mais pertinentes observações: por exemplo, a ideia de que o mesmo ato de caminhar seja visto como exercício, passatempo ou simples transporte pelos homens, também torna-se uma performance para o olhar masculino quando executado por mulheres, cuja adesão às normas sociais impõe locais próprios para caminhar e até mesmo roupas que aguçam seus movimentos para padrões que agradam a esse olhar específico.

Solnit lança exemplos para delinear as diferenças do caminhar que emergem das questões de gênero, nos ajudando a compreender a longa trajetória do espaço público. Dos gregos antigos aos subúrbios modernos, o ir e vir a pé é retratado como parte do extenso aparato de controle sexual feminino. Considere o ato de caminhar sozinho, recreativamente. A dimensão simbólica desse ato, essa espécie de deslocamento contemplativo — o caminhar do *flâneur* ou as viagens errantes dos exploradores — revela-se como historicamente reservada aos homens. É algo perigoso de ser feito por uma mulher, que estaria mais segura em casa, cercada pelas paredes. Se caminhar tem um peso cultural tão evidente, e se tal ato é um privilégio masculino, às mulheres, portanto, "acaba sendo negada não apenas uma oportunidade de recreação, mas uma porção da sua própria humanidade".

Retornemos, entretanto, para o primeiro dos três ingredientes da caminhada: o tempo livre parece ser o meu incômodo principal com a tese de DeSilva. Para uma pessoa decidir caminhar como recreação, ela precisa ter o poder de escolher esse hobby em vez de estar precisando fazer outras coisas. Embora as questões de controle social sejam amplamente abordadas por Solnit, podemos fazer um breve complemento ao problema da caminhada a partir do momento em que compreendemos que o tempo livre não é um tempo que existe fora das 24 horas que o planeta Terra leva para completar uma pirueta. O tempo livre é um produto direto do trabalho de cuidado feito pelas outras pessoas.

Seria divertido abraçar a tese de DeSilva sem questionamentos e começar a caminhar uma hora por dia para tentar ficar mais inteligente. Se eu resolvesse fazer isso, teria que escolher alguma coisa para sacrificar. Talvez deixar a louça suja acumular para lavar tudo no sábado ou

talvez parar de limpar meu banheiro e o banheiro da minha gata. Quem sabe eu poderia deixar de ter um blog também? Logo perceberia que as caminhadas poderiam até estar causando algumas reações eletroquímicas a mais pelo meu sistema nervoso, mas o preço disso seria perceber que minha vida pessoal está desmoronando ao meu redor. Já é difícil o suficiente manter um ritmo de exercícios físicos semanais. Já é um saco ter que ir ao supermercado, escolhendo legumes em vez de fazer coisas mais divertidas. Aliás, é difícil dedicar algum tempo para me divertir sem me sentir culpado por não estar trabalhando ou fazendo outras coisas mais úteis.

Tento não ser normativo nessas horas, mas sou levado a acreditar que pessoas que não precisam se preocupar com organização só o fazem porque já existe alguém organizando as coisas para elas. E por organizar quero dizer justamente fazer esse trabalho de cuidado, esse conjunto de manutenções cíclicas. Não é estranho pensar na organização pessoal como trabalho de cuidado se repararmos que todo CEO, executivo ou administrador do raio que o parta precisa contratar uma secretária para anotar telefonemas, agendar reuniões e barrar a entrada de pessoas desimportantes na sala.

Nesse ponto, lembro-me da divertida crítica que Heather Havrilesky escreveu para a Baffler sobre a série de livros *50 Tons de Cinza*. O que a autora sugere é uma leitura para além do aspecto erótico-romântico (legal) do texto. Ela observa a narrativa dos fatos como uma rápida ascensão da personagem principal para a classe aristocrática à qual o magnata por quem ela se apaixona pertence. Isso é sinalizado, evidentemente, pela percepção do quanto o trabalho de cuidado sai de suas mãos para os empregados: ela passa a ter um motorista, uma cozinheira — e, como não poderia deixar de ser, passa também a projetar desejos de controle sobre essas pessoas, tal e qual seu dominador o faz quando a leva para seu quartinho secreto.

Fica estranho pensar nessas celebridades do passado, nesses grandes pensadores, escritores, inventores, sem querer problematizar a origem desse tempo livre disponível para tanto pensamento. Eventualmente, aplicar uma simetria é válido: percebemos que estamos fazendo o mesmo. Pagar para alguém fazer seu serviço de cuidado é recorrente, até necessário se formos realistas e considerarmos a enorme quantidade de serviço de cuidado que precisa ser feito diariamente. Almoçar em um restaurante é, em certo nível, pagar por trabalho de cuidado. Alguém precisou selecionar ingredientes, preparar, servir, limpar. Ter uma babá ou pagar uma creche; um cuidador para o membro idoso da família. Considero que a dimensão do trabalho de cuidado é um tanto elástica, abrangendo essas diversas manifestações da manutenção da vida diária, em menor ou maior grau.

Ao propor essa elasticidade, torna-se estranho imaginar que alguém ou algum grupo social escolhido tem um "talento natural" para o trabalho de cuidado, porque assumir isso pressupõe duas coisas: a primeira, e mais óbvia, é que o trabalho de cuidado é simples, menos complexo do que demais categorias laboriosas para essas pessoas e, segundo, que justamente por ser simples ele não precisa de tanta atenção. Torna-se, consequentemente, mero background: é algo feito de modo invisível, sem "grandes impactos". Se o subproduto mais valioso do trabalho de cuidado é o tempo livre, temos que aceitar que há uma técnica intrincada na sua execução. Essa técnica custa várias horas, pressupõe saberes. Se um grande território do labor é resumido ao background do dia a dia, esse resumo é uma estratégia política. Alguém precisa cuidar da casa enquanto as grandes mentes caminham.

A naturalização do trabalho de cuidado, enquanto estratégia política, chama atenção das pessoas que estudam gênero porque há uma evidente recorrência histórica no quanto esse trabalho é realizado por mulheres. Meu simples complemento à crítica de Rebecca Solnit sobre o privilégio de caminhar é, enfim, apontar que há uma engenharia social dedicada à fabricação dos privilégios do tempo livre. Deixar de fazer pequenas tarefas, relegar a manutenção doméstica para outros ou simplesmente não se importar com organização significa, em síntese, que há alguém com tempo disponível, menos valioso que o nosso, para fazer essas coisas por nós. Mas não há um valor inerente ao tempo. Ele é relativo à forma como a sociedade decide distribuí-lo.

E é aqui que tento forçar meu exercício de observação para a dimensão tecnológica do problema. Nossa sociedade parece aceitar, com cada vez mais facilidade, que a solução para o volume acumulado de trabalho de cuidado se resolve com *gadgets*. Robôs entregadores, robôs aspiradores de pó, secretárias falantes da Amazon, panelas que preparam a comida sozinhas[2], dispositivos autolimpantes. Parece que é um futuro promissor que se desdobra, no qual pequenos aparelhos com suas baterias de lítio mega duráveis irão fazer todo o trabalho doméstico chato.

Mas, de novo, temos que lembrar que a tecnologia não é um fenômeno isolado. É uma inserção material na rede sociotécnica. Ou seja, por trás de cada *gadget* automatizado, ainda há um trabalho invisível sendo executado, seja para construir esse *gadget*, transportá-lo, consertá-lo ou até mesmo dar um sumiço nele depois que sua vida útil termina. Essa dimensão não é a única problemática. Esse estudo de Peter Nagy e seus colegas demonstra, por exemplo, como a mediação tecnológica do tempo funciona. Por meio de dispositivos como smartwatches e seus softwares de gerenciamento de tarefas, nos distanciamos de noções localizadas do tempo para favorecer decisões executivas sobre o que significa aproveitar o dia ou ter uma manhã produtiva[3].

Transferir o trabalho de cuidado de um grupo social para uma parafernalha tecnológica serve para continuar naturalizando sua execução como necessariamente invisível. Por algum motivo, nos convencemos que é degradante ou chato ficar limpando e organizando coisas. E nos colocamos, dessa forma, em busca desse cenário utópico, no qual alguém ou algo faz tudo e nos deixa livres, sem nada que precise ser cuidado.

1. Geralmente: ofensas gratuitas, escárnio e oportunidades de trabalho perdidas por "queimação de filme".
2. Não quero soar azedo, mas… ah, quero sim. Odeio a panela que cozinha sozinha. Não estou falando do conceito em si, mas de uma panela específica que apareceu na timeline nos últimos dias. Ela tem uns 8 compartimentos nos quais você deposita os ingredientes e temperos e ela vai preparando um strogonoff. Poxa, a parte difícil é justamente ficar picando cada ingrediente pra fazer o *mise en place*. Pra mim, esse uso não está distante do carro dos Flintstones que precisa ser movido pelos pés do motorista.
3. Vocês podem me cobrar mais para escrever sobre mediação tecnológica porque é isso que estou estudando no doutorado. Isto é, se eu não estiver ocupado limpando a casa ou cozinhando.

Carvalho Junior

Tradução de Antonio Torres

O homem

Por Daniel Zanella

No início da pandemia, em março de 2020, abrimos um chamado para publicação no RelevO que causou um imenso rebuliço entre os editores. Foram aproximadamente 3 mil textos enviados em um mês. Não nos recuperamos disso por quase três anos e atrasamos vergonhosamente o retorno de autores muito bons. Foi assim que me deparei, em janeiro de 2024, com um e-mail do fim de 2019 do escritor maranhense Carvalho Junior, que morreu de Covid-19 em março de 2021. Chegamos a nos falar por telefone algumas vezes e tínhamos uma parceria com a distribuição do Jornal no Nordeste. Nesta edição de fevereiro, publicamos um longo poema dele. [Ler na mensagem o seu número de telefone em anexo me causou uma estranha melancolia.]

Carvalho Junior
<professorcarvalhojunior@gmail.com>
18 de dez. de 2019, 20:38

Boa noite, meu amigo. Como prometido, em anexo, dois arquivos em Word. O primeiro contempla o poema "O homem-tijubina", em português e espanhol. E o segundo, nove poemas do livro homônimo *O homem-tijubina & outras cipoadas entre as folhagens da malícia* (Editora Patuá, 2019). Envio também uma ilustração que não está no livro, mas é de um poeta/ilustrador piauiense sobre o personagem do livro. Imagino que ficaria muito lindo uma publicação com essa ilustra do Adriano Lobão Aragão.
Um grande abraço do amigo Carvalho Junior
(99) 98268xxxx

ho.mem: s. m. 1. BIOL. Mamífero da ordem dos primatas, do gênero Homo, da espécie Homo sapiens, de posição ereta e mãos preênseis, com atividade cerebral inteligente, e programado para produzir linguagem articulada. [michaelis.uol.com.br]

ti.ju.bi.na: s. f. || (Bras.) nome vulgar de uma pequena lagartixa.
|| (Ceará) (pop.) O mesmo que lambedeira. [aulete.com.br/tijubina]; etimologia: tupi: teiu-ombý [michaelis.uol.com.br].

I.
o homem-tijubina tem um paladar exigente. não digere o ovo do óbvio. somente silêncios de pássaros lhe passam pelos gorgomilos. quando o indagam a respeito desta passagem, diz que o outro lado da vida está no verso. não tem idade, apenas caminha. às vezes para frente quase sempre para o fundo do poço que guarda as lágrimas dos seus ancestrais. é um composto de cortes de unhas-de-gato e incoerências.

I.
el hombre-tijubina tiene un paladar exigente. no digiere el huevo del obvio. solamente silencios de pájaros le pasan por la garganta. cuando lo preguntan sobre este pasaje, dice que el otro lado de la vida está en el verso. no tiene edad, apenas camina. a veces para frente casi siempre para el fondo del pozo que guarda las lágrimas de sus ancestrales. es una mezcla de cortes de uñas-de-gato e incoherencias.

II.
o homem-tijubina vive, se dobra, (des) dobra e recorta como um zine. camelô do calçadão da afonso cunha, pede esmolas como um poeta, é este azulejo quebrado nas tuas mãos. usa colar de hippie, pulseira de sementes antiquebranto, antiódio e antiamor ao mesmo passo e no mesmo cortar de pulso. é poeira invisível nos escombros do cassino caxiense, fôlego e asfixia nos vivemorres do rio itapecuru. na esperança de novos dilúvios, ele recita cecília: a chuva é a música de um poema de verlaine.

II.
el hombre-tijubina vive, se dobla, (des) dobla y recorta como un fanzine. ambulante del bulevar de la afonso cunha, pide limosna como un poeta, es este azulejo roto en tus manos. usa collar de hippie, pulsera de semillas antiquebranto, antiodio y antiamor al mismo paso y en el mismo cortar de pulso. es polvo invisible en los escombros del casino caxiense, aliento y asfixia en los vivemueres del río itapecuru. en la esperanza de nuevos diluvios, él recita cecília: la lluvia es la música de un poema de verlaine.

III.
para o homem-tijubina a infância é como uma ferida sem costura. diz que carrega suas corcundas hereditárias pela força das ladeiras de pedras brancas em que um dia correu com os bolsos cheios de pitombas, penas de passarinhos e sonhos acesos dentro de lampiões improvisados. quando tomado de ira do mundo, enfia o dedo no cu das não levezas do cotidiano e brada contra a apatia dos fantasmas bípedes.

III.
para el hombre-tijubina la infancia es como una herida sin sutura. dice que carga sus corcovas hereditarias por la fuerza de las laderas de piedras blancas en que un día corrió con los bolsillos llenos de pitombas, plumas de pajaritos y sueños encendidos dentro de los lampiones improvisados. cuando poseído de ira por el mundo, mete el dedo en el culo de las no levedades del cotidiano y brama contra la apatía de los fantasmas bípedos.

IV.
as pernas do homem-tijubina têm o fracasso como farinha, como a massa de araruta que o alimenta no íntimo. – sem uma pedra na testa, quem pode fazer um bom festejo? ri das próprias perturbações com a dentada suja e incompleta sem muito se preocupar em entender os tipos híbridos que lhe compõem a natureza.

IV.
las piernas del hombre-tijubina tienen el fracaso como harina, como la masa de maranta que lo alimenta en el íntimo. – sin una piedra en la frente, ¿quién puede hacer un buen festejo? reí de las propias perturbaciones con la dentada sucia e incompleta sin mucho preocuparse en entender los tipos híbridos que le componen la naturaleza.

V.
o homem-tijubina descansa as dores no silêncio da caieira quando opera o carvão guardador dos suspiros do babaçu que desintegra os rancores no lábio do machado. como um índio, busca remédio nas ervas naturais do seu chão e na fé que se agarra como um ímã na moeda. balança a cabaça da paciência e se benze/cura pelo rabo da mucura, pelos tutanos das lendas que o ninam com uma voz de mãe.

V.
el hombre-tijubina descansa los dolores en el silencio de la calera cuando opera el carbón guardador de suspiros del babaçu que desintegra los rencores en el labio del hacha. como un indígena, busca cura en las hierbas naturales de su región y en la fe que se agarra como un imán en la moneda. balancea el calabacino de la paciencia y se bendice/cura por el rabo de la zarigüeya, por los tuétanos de las leyendas que lo arrullan con una voz de madre.

n-tijubina

VI.
rá. o homem-tijubina é um bicho-papão. rá. o homem-tijubina parece a velha iaiá. rá. o homem-tijubina não sabe assustar. sobrevive de soluços e atravessamentos debaixo da ponte caída que dá acesso a lugar nenhum. um gole humilhado de cachaça cuspida foi o que de melhor lhe aconteceu na última noite. para quem tem quase nada para viver um pedaço sovinado de qualquer morte já é um favor.

VI.
rá. el hombre-tijubina es el coco. rá. el hombre-tijubina parece la vieja iaiá. rá. el hombre-tijubina no sabe asustar. sobrevive de hipos y recorridos bajo el puente caído que da acceso a ninguna parte. un trago humillado de cachaza escupida fue lo mejor que le pasó la última noche. para quien tiene casi nada para vivir una parte esquivada de cualquier muerte ya es un favor.

VII.
o homem-tijubina não confia na polícia. nos ladrões de meio de rua talvez um pouco de vez em quando com os olhos bem vivos. sobre aqueles moços(as) dos cartazes e santinhos diz que são moscas varejeiras prestadoras de culto às grandes merdas que fabricam nos gabinetes. tossir é tudo o que ainda pode este velho metade humano, metade lagarto colorido de meninice. aquela ternura escondida dentro do baú do arco-íris talvez até o melhore, mas a tosse do homem- tijubina de tão braba não cura nem com leite de uma jumenta dourada.

VII.
el hombre-tijubina no confía en la policía. en los ladrones de las calles quizás un poco vez u otra con los ojos bien vivos. sobre los chicos y chicas de los carteles y estampitas dice que son moscas de la muerte prestadoras de culto a las grandes mierdas producidas en los gabinetes. toser es todo lo que aún puede este viejo mitad humano, mitad lagarto colorido de niñez. aquella ternura oculta dentro del baúl del arco iris incluso quizás lo mejore, pero la tos del hombre-tijubina de tan fuerte no cura ni con leche de una burra dorada.

VIII.
o homem-tijubina é um poema desprezado, por todas as almas viventes e vegetativas, resistente às chuvas e às ferrugens que lhe explodem a pele. um dia ele nasce alguma coisa diferente e deverá outra vez aprender a viver com a indiferença dos homens, dos répteis e de todas as (sub) espécies por um ou vários deuses, darwins ou big-bangs inventados.

VIII.
el hombre-tijubina es un poema despreciado, por todas la almas vivientes y vegetativas, resistente a las lluvias y a las herrumbres que le explotan la piel. un día él nace alguna cosa diferente y deberá otra vez aprender a vivir con la indiferencia de los hombres, de lo reptiles y de todas las (sub)especies por uno o varios dioses, darwins o big bangs inventados.

IX.
não pense no fim, pelo amor da essência divina dos jenipapos, palmitos e sapucaias. o homem-tijubina não morre nem com a faca treinada da dona lourdes fateira que talha, sem perdão, até mesmo os peixes nas paredes que o delírio humano-tijubínico sopra. sobrevive ao tempo como o grito de tiêta, como os desenhos e estátuas de areia de andré valente. enquanto mãe bida movimenta o quibano ao som dos capotes e bodes & outros cantores do sertão artesanal das malícias e gameleiras, o homem-tijubina renasce, reconstrói-se e abraça as suas raízes mais uma vez montado em um cavalo-de-palha.

IX.
no piense en el fin, por el amor de la esencia divina de los jenipapos, palmitos y sapucaias. el hombre-tijubina no muere ni con el cuchillo entrenado de dueña lourdes tratadora de tripas que corta, sin perdón, hasta mismo los peces en las paredes que el delirio humano-tijubínico sopla. sobrevive al mismo tiempo como el grito de tiêta, como los dibujos y estatuas de andré valente. mientras madre bida mueve el separador de granos al sonido de las gallinas de guinea y cabrones & otros cantores de los pueblos artesanales de las malicias y higueras, el hombre-tijubina renace, se reconstruye y abraza a sus raíces más una vez montado en un caballo-de-paja.

X.
quando o homem-tijubina estende as chagas sobre a música das folhas, preenche-se de fôlego para seguir com o cabresto aramado da sandália bailarina de cipó, improvisando [à sombra das quatetês sibilinas] o escorpião de higuita. o sol lhe doura a tatuagem leite castanha de caju com o nome de uma lepidóptera mítica. um talo de coco numa mão, uma xícara de café de tucum na outra e cismas incontáveis sob o cofo sarapintado da pele.

X.
cuando el hombre-tijubina extiende las lacras sobre la música de las hojas, se llena de aire para seguir con el ronzal de alambre de la chancla bailarina de bejuco, improvisando (a la sombra de las quatetês sibilinas) el escorpión de higuita. el sol le dora el tatuaje leche anacardo con el nombre de una mariposa mítica. un tallo de coco en una mano, una taza de café de palmera en la otra y cismas incontables bajo la armadura jaspeada de la piel.

XI.
de peito lagartístico e calangnóstico, vagamundeia o homem- tijubina com uma reza inaudível no meio da roça. avança sobre as bitolas do chão regado de urucum e comemora a luz que lhe atinge de prazer o seio mais delicado dos abrigos de sua fauna interior. o chicote de um sorriso cintila e brinca com os dados de mallarmé nos aclives/declives do mundo novo da sua teia enrodilhada de pedras.

XI.
del pecho lagartístico y calangnóstico, vagamundea el hombre-tijubina con un rezo inaudible en el medio de la plantación. avanza sobre las sendas del suelo regado de urucum y celebra la luz que le golpea de placer el seno más delicado de los abrigos de su fauna interior. el látigo de una sonrisa centellea y juega con los dados de mallarmé en las bajadas/subidas del mundo nuevo de su tela retorcida de piedras.

Valentina Gava Chakr

Confessionário

Mais uma primavera se aproxima. Filhos, netos, bisnetos, agregados. Alguns vieram de avião. Juntos para um café da manhã especial. Pão francês com mortadela, café, leite, suco, mamão. Flores, vestidos, hidratantes, perfumes, presença. Cabeça boa, corpo nem tanto. Vai passar por uma cirurgia de alto risco no mês que vem.

Todos ainda comem. Sento no sofá. Aquela mão, de pele delicada como a de um bebê, encosta em mim e diz, serena e convicta: "Não é legal viver tanto". Respondo: "Eu imagino". Mas, por dentro, me pergunto: será que não é mesmo? Se chegar lá, vou poder dizer. "Meu filho não está mais aqui." "Não tem o que fazer." Saudade que nunca vai passar. "Minha irmã mais nova não pode vir, está debilitada." "É."

Ouvimos conversas, risadas e um anúncio: "Vamos cantar parabéns!" Bolo profissional, feito em casa. No lugar das 94 velinhas, um 9 e um 4. O sopro é forte. Confetes pressurizados. Estrelinhas coloridas e reluzentes caem por todo lado. Pode varrer com o maior dos esmeros, sempre vai encontrar uma perdida que se enfiou em algum vão e de repente resolveu se revelar.

Fim de tarde, vou me despedir. "Bom retorno." "Obrigada." "Quando nos vemos novamente? No Natal, né?" "Sim, com certeza, no Natal." Alívio. Esperança, medo, vontade ou otimismo?

Chegamos em casa, guardamos os jogos, as mudas de roupas das crianças. Minha visão periférica detecta um brilho inesperado. Viro-me para a estante da televisão. Eis que paira ali uma estrelinha. Mistério.

Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil
tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e
vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance "A boa lição" (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma
narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

Renan Sá

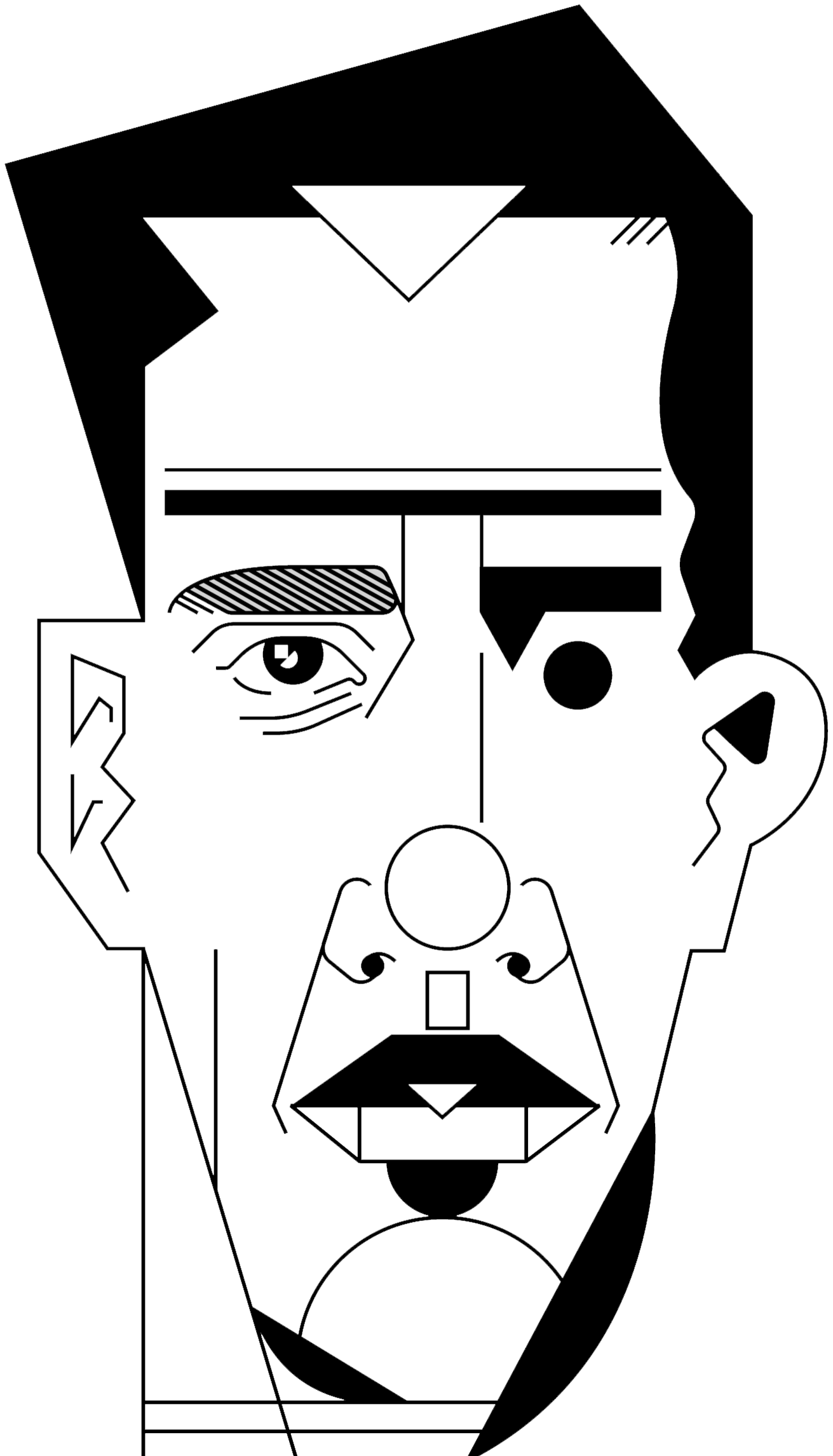
Écfrase

Tal qual Jacobina, estas são as coisas que me fazem: perfis de festas techno, de livrarias e sebos, de criadores de conteúdo adulto, de grandes artistas da música popular, de pequenas bandas e produtores quase desconhecidos, de fotografia de cinema, de ícones cristalizados pela cultura, de amor (ou banheirões) entre homens, de pensadores e intelectuais contemporâneos, de marcas verdes e sustentáveis que têm responsabilidade (ou capital) social (ou capital), de editoras independentes que publicam autores marginais, de grandes editoras consolidadas por seus autores míticos, de prêmios literários encerrados no cajado (ou na curadoria), de festivais de música que concedem em seus ingressos a liberdade, de escritores que não leio, mas acompanho, de venda de câmeras analógicas, de poetas premiados que guardo no meu bloco de notas e críticos literários que aplaudo quando entre a multidão, de tatuadores de arte tradicional com estúdios na Augusta ou em Pinheiros, de homens que flerto com talento e indisposição, de colegas cujo rosto eu só vejo nas avaliações compartilhadas do Letterboxd, de notícias progressistas com manchetes mal escritas e impacto midiático que enfatizam a polarização sublimada em eleições ultrapassadas embora elas antecedam o próprio corpo (ou software) do hospedeiro (ou máquina), de profissionais da educação que fazem dinheiro em apreço pela incapacidade crítico argumentativa de estudantes que despendem papéis suados de pais desembargadores para pagar aqueles que dissimulam a perfídia de um sistema inquebrável a fim de (ou variação de conectivo) evidenciar um mundo que é só palimpsesto e nunca inflexão, de alguns homens que beijei bêbado no banheiro enquanto havia uma possibilidade de amor me esperando plantada no pé da mesa de um bar sujo com litrão barato, de amizades que foram elevadas ao status de networking e me provocaram vários insights, de editores-chefe que não sei se peço um beijo ou uma publicação, embora eu pudesse gozar nas duas situações, de arquitetos e designers de interiores que planejam lares e me recordam a necessidade da residência ainda que alguns careçam (ou imereçam) de (ou sem preposição) um lugar no mundo, de autores principiantes que revelam o que as três últimas gerações da minha família escondiam às avessas, de palavras estúpidas, mas decadentistas, de produtos de pele coreanos que fazem minha dermatologista sorrir ao me cumprimentar; e outros tantos perfis descartáveis, diferentes do meu.

Ainda, no meu próprio, me faço com uma paleta entre o vintage e o cibernético, com lugares que frequento sempre e mal, com edifícios e natureza para efeitos de clarividência, com quotes melancólicos porque sou triste, com o meu rosto porque sou bonito, com mãos no joelho porque sou safado, com trechos de filmes franceses porque sou culto, com dizeres amadores porque busco validação (ou reconhecimento), com uma crônica autoral que oxida (ou descansa) nas prateleiras; e sem monetização, diferente de outros.

Ah! visto jaqueta de couro e jockstrap e isso é classicismo, uso a norma padrão com palavras de baixo calão (ou porra) e isso é poesia, vou a restaurantes veganos e impeço a crise hídrica, colo um doce na língua e viro santo, exercito a escrita e me faço estranho, fumo oito e já não há mais saída, fecho as janelas, mas ainda ouço os sons da avenida, e rimo às vezes porque meu cérebro deteriorado sempre se volta à paroxítona (ou ringard), sorrio e manifesto meu desapreço, amo por dois anos e sinto que ultrapassei o tempo, subverto a sintaxe já que posso (ou possuo); e sempre arquiteto textos e perco o ritmo, e volto ao início, e acaba que não digo, como todos os outros.

E o que acontecerá quando esses perfis se apagarem eu escolho não pensar. É que eu sou tão pós-moderno, vejam que escrevo num fluxo de consciência; e o meu delito é digitar maiúsculas.



Gaúcho da Fronteira e Vaine Darde

Trecho de "Herdeiro da Pampa Pobre"

Mas que pampa é este que recebo agora
Com a missão de cultivar raízes?
Se desta pampa que me fala a história
Não me deixaram nem sequer matizes?

Passam as mãos na minha geração
Heranças feitas de fortunas rotas
Campos desertos que não geram pão
Onde a ganância anda de rédeas soltas

Herdei um campo onde o patrão é rei
Tendo poderes sobre o pão e as águas
Donde esquecido vive o peão sem leis
De pés descalço cabresteando mágoas.

O que hoje herdo da minha grei chirua
É um desafio que a minha idade afronta
Pois me deixaram a guaiaca nua
Pra pagar uma porção de contas